



Mediatização e seu Impacto Geracional¹

Elaine Cristina Gomes de MORAES²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar algumas discussões acerca da concepção do termo ‘mediatização’, à luz da concepção de alguns estudiosos da área. Traz, também, algumas verificações sobre as transformações ocorridas no contexto do cotidiano, pelo uso de diferentes meios de comunicação, em uma pesquisa realizada com três pessoas de gerações distintas, de uma mesma família. Os resultados reverberam a influência dos meios de comunicação na transformação cultural e social, pautada pelas peculiaridades dos meios e da função atribuída a cada um deles pelos diferentes perfis geracionais. Para a realização destas verificações, foram realizadas entrevistas com as participantes.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; interação; mediatização; novas tecnologias digitais; perfis geracionais.

Introdução

Estudos sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade têm permeado, por décadas, as pesquisas sobre comunicação por parte de diversos autores que se dedicam à área. Entretanto, redimensionamentos nos estudos da área tornam-se necessários a partir de transformações sociais e culturais provenientes de novas formas de interação e relação sociais, que têm sido vivenciadas nas últimas décadas.

Sobrepondo-se às questões relacionadas à influência dos meios de comunicação na sociedade, é importante compreender as transformações sociais ocorridas nas quais ela passou a constituir-se um elemento inerente ao meio social. Meios de comunicação tradicionais como televisão e jornais têm sido influenciados por essas transformações, as quais resultam em novas formas de produção e interação social. Por outro lado, o uso de meios digitais, como a internet, tem se tornado prática cotidiana dos cidadãos, transformando o modo de se relacionarem com as demais instituições sociais e em suas relações pessoais. Nesse sentido, já não se pode considerar a mídia como elemento distinto das instituições sociais e culturais (HJARVARD, 2012; BRAGA, 2012).

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP, email: moraes.e@gmail.com



A esse fenômeno, no qual instituições midiáticas e demais instituições sociais e culturais influenciam-se e são influenciadas mutuamente, tem-se utilizado o termo ‘mediatização’ (ou, ainda, ‘mídiatização’) para referência. No entanto, o conceito, ainda em processo de definição, é amplo. Tem sido utilizado para se referir às novas formas de produção e circulação de conteúdos midiáticos, assim como às novas práticas do cotidiano, as quais passaram a inserir a mídia em suas ações. A mídiatização, portanto, apresenta um denominador comum que engloba as distintas variáveis relativas às formas de interação social: a noção de transformação. Não se trata de um fenômeno de exclusão dos processos sociais dos meios de comunicação, mas de incluir outros, que acabam por se ajustar a essa lógica mediática (BRAGA, 2006).

Nesse sentido, não se pode suprimir o contexto social e as inúmeras transformações permeadas pelo uso dos meios de comunicação. Este estudo tem como objetivo apresentar algumas discussões acerca da concepção do termo ‘mediatização’, à luz da concepção de alguns estudiosos da área. Traz, também, algumas verificações sobre as transformações ocorridas no contexto do cotidiano, pelo uso de diferentes meios de comunicação, em uma pesquisa realizada com três pessoas de gerações distintas, de uma mesma família. Os resultados reverberam a influência dos meios de comunicação na transformação cultural e social, pautada pelas peculiaridades dos meios e da função atribuída a cada um deles pelos diferentes perfis geracionais. Para a realização destas verificações, foram realizadas entrevistas em profundidade com as participantes.

Conceitos e aplicabilidade

Embora considerado um conceito em processo de definição, o termo ‘mediatização’ pode ser encontrado em estudos de comunicação realizados ainda em meados do século XX. Sem menção direta ao vocábulo, estudos sobre transformações sociais provenientes de novas formas de relação com os meios também foram desenvolvidos nessa mesma época. Na contemporaneidade, observamos o uso frequente de mídiatização em trabalhos da área, por isso, faz-se necessária a compreensão das atribuições de sentido ao termo e sua relação com as transformações sociais nas décadas anteriores.

Em uma retomada sobre a construção do conceito, Hjarvard (2012) explica que a utilização do termo mídiatização ocorreu pela primeira vez ao pesquisador Kent Asp, ao se referir aos impactos dos meios de comunicação na comunicação política. Para o autor, trata-se de um processo no qual o sistema político é balizado pelas demandas dos meios de



comunicação de massa em sua cobertura da política. Inicialmente, chamada de ‘midialização’, o autor associou o termo “à proposta de uma lógica de mídia”, conforme explica Hepp (2014, p. 47).

O conceito de mediatização também foi aplicado no campo da ciência, como forma de divulgação e interpretação de pesquisas. Atribui-se, neste contexto, o papel dos meios de comunicação para amplificar o conhecimento, além da transmissão em salas de aula, que passa a ser disseminado por meio da exibição de filmes e documentários. Sob esta ótica, “os meios de comunicação desempenham um importante papel na produção e difusão do conhecimento e interpretações da ciência” (HJARVARD, 2012, p. 57).

Uma outra instituição social, demarcada pela influência dos meios de comunicação é a das práticas religiosas. Segundo esse mesmo autor, os meios de comunicação modelam a religião de diversas maneiras, além de terem assumido muitas das funções sociais atribuídas às igrejas. No que se refere aos meios de comunicação interativos, estes criaram outras possibilidades de engajamento e comunicação das pessoas em um campo que se sobrepõe ao controle das igrejas. Em seus estudos no âmbito da religião mediatizada, Gomes (2008) explica que se trata de uma nova ambiência, que supera a noção de mediação tecnológica, na qual “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais” (p. 21). Conclui assim, que

aceitar a midiatização como um novo modo de ser no mundo coloca-nos numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal. Mesmo que as mediações material e simbólica estejam unidas no processo de midiatização, essa não é um passo a mais num processo evolutivo, mas um novo qualitativo, síntese na dialética sujeito/objeto (GOMES, 2008, p. 22).

A partir de tais concepções, os meios de comunicação tornaram-se elemento inerente ao ambiente social. Constroem uma ambiência a partir de um sentido social e pessoal. A influência dos meios de comunicação se sobrepõe ao sentido de imposição de uma normatização da sociedade, mas são instituições que configuram novas formas de interação social, as quais, segundo Hjarvard (2012) promovem a transformação social e cultural.

Para o autor, a mediatização é um conceito central em uma teoria sobre a importância e transformação dos meios de comunicação em uma cultura e sociedade. Diretamente relacionado à noção de transformação social e cultural, a mediatização da sociedade pode ser compreendida como o processo pelo qual a sociedade se encontra cada vez mais submetida ou dependente da mídia e de sua lógica. Nesse sentido, apresenta-se uma



dualidade neste processo: os meios de comunicação passaram a estar integrados às ações de outras instituições sociais e, ao mesmo tempo, tornam-se instituições sociais em pleno direito. Conseqüentemente, “a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação” (HJARVARD, 2012, p. 64).

Ainda, na concepção desse mesmo autor, a mediatização é um processo em longo prazo, que capta essas transformações, em nível social e cultural, e os modos de interação, resultantes do crescimento da influência dos meios de comunicação. Não se pode afirmar se as conseqüências desse processo sejam positivas ou negativas, mas dependem das características e contexto dos meios de comunicação referidos. Embora a definição do conceito, ainda seja um processo em construção, duas formas de mediatização podem ser consideradas: uma forma direta, considerada forte, e uma forma indireta, ou seja, fraca.

A definição de cada uma das formas de mediatização nos remete à noção de interação, abordada anteriormente. A mediatização direta, segundo Hjarvard (2012), ocorre em situações nas quais uma atividade inicialmente não mediada passa a ser mediada, sendo, portanto, realizada pela interação com um meio. O jogo de xadrez é um exemplo, uma vez que, inicialmente era praticado com a presença física de jogadores e, atualmente, pode-se jogar por meio do computador, mantendo-se as regras e criando ações que, presencialmente não seriam aplicáveis, como salvar resultados e acompanhar as *performances* obtidas. Outra prática de mediatização direta, que reverbera as transformações do cotidiano é a utilização do banco *online*, que possibilita a realização de uma gama de serviços pelo computador, sem a necessidade da presença física em agências bancárias, revelando as mudanças de comportamento de ambas as partes.

Já a mediatização indireta, “é quando uma determinada atividade é cada vez mais influenciada, no que diz respeito à forma, ao conteúdo ou à organização, pelos símbolos ou mecanismos midiáticos” (HJARVARD, 2012, p. 67). Diferentemente da mediatização direta, embora a noção de interação esteja presente, ela se torna uma conseqüência da influência dos meios de comunicação no cotidiano. O autor menciona a ação de alguns restaurantes de *fast food*, os quais vinculam a compra de seus produtos com o fornecimento de brindes relacionados a algum filme que esteja em evidência no momento. Na visão do autor, também se enquadra em um contexto de mediatização indireta a construção intertextual entre os meios de comunicação e outras instituições, como as narrativas apresentadas sobre determinado país



é o que se passa a compreender sobre ele, assim, trata-se de representações mediáticas a partir da mediação.

Ambos os tipos de mediatização, como o próprio conceito em si, constituem significados que se sobrepõem às características dos aparatos tecnológicos. Com o surgimento da televisão, novos padrões de comportamento transformaram paradigmas, por meio de novas formas de entretenimento e informação. A inserção das novas tecnologias proporcionou o surgimento de uma cultura virtual constituída de uma nova ambiência, a qual resulta em novas formas de interação social. Assim,

Falar de cultura virtual significa falar de novos modelos de sociabilização: conversa sem pessoa, contatos abstratos, encontros sem corpos. Não se trata do face a face, mas de uma presença virtual, o que não significa que seja menos real. Seguramente essa presença virtual permite e realiza quadros interativos, em que a ideia de presença do outro define emoções e sentimentos de junção humana (PERUZZOLO, 2006, p. 331).

A presença virtual, que resulta em novas formas de cultura, atuação e percepção da realidade, constitui o fenômeno da mediatização. Trata-se de um processo essencialmente relacional, que é resultante do encontro de variados fatores e, conseqüentemente, interfere na realidade que lhe originou, configurando-a segundo as lógicas da mídia. Portanto, os meios não devem constituir um elemento à parte da sociedade, mas algo que a integra, transforma e desenvolve. E, ainda, ela ocupa um espaço central na sociedade e, então, expande suas lógicas para os demais campos sociais, resultando no modelo cultural contemporâneo (FLORES; BARICHELO, 2009).

Todas essas concepções tornam-se evidentes sob a ótica das ações do cotidiano. Se por um lado, os meios de comunicação de massa tradicionais, como a televisão, o rádio e o jornal, amplificaram a comunicação mundial, no contexto atual, os jogos virtuais, as redes sociais, as compras online, os livros disponíveis para leitura *online*, as campanhas sociais e aplicativos que permitem interação são exemplos de novas formas de interação social. Há uma nova cultura de interação e relacionamento que tem se construído com novas possibilidades oferecidas pela internet. Como lembra Peruzzolo (2006), a presença virtual não se traduz numa forma menos real de interação, uma vez que desperta sentimentos e emoções de junção humana, mas é resultante dos anseios e necessidades das pessoas.

Em seus estudos sobre a mediatização da religião, Martino (2012) enfatiza o processo de mediatização às formas virtuais de comunicação. Associa o conceito às



transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, aliadas ao desenvolvimento dos meios virtuais de comunicação.

Em uma ênfase sobre tecnocultura, Sodré (2006) explica que a sociedade, mediatizada, molda-se por uma tendência à virtualização das relações humanas. Trata-se, portanto, de uma concepção distinta a de ‘mediação’, que é “ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes” (p. 20). Toda cultura compõe-se de mediações, sejam elas, a linguagem, as leis, artes e outros. Para explicar o sentido de mediatização, o autor escreve que ela consiste em “uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações [...]” (p. 20). Sobre essa forma de interação, o autor retoma a classificação de Aristóteles acerca das esferas existenciais e denomina a mediatização como um novo *bios*, ou seja, uma quarta esfera existencial.

Frisando a noção de tecnomediação, Fausto Neto (2009) insere nesse contexto a questão da transformação e aceleração, intrínsecas ao conceito de mediatização:

Trata-se da emergência e do desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos sócio-técnico-discursivos de produção, circulação e de recepção de mensagens. Produz mutações na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos na organização e nas instituições sociais. Grosso modo, trata-se de ascendência de uma determinada realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, tendo como referência a própria existência da cultura e da lógica midiáticas (FAUSTO NETO, 2009, s.p.).

Em um estudo sobre mediatização na política, Fausto Neto (2012) explica que o acontecimento midiático depende cada vez menos de uma decisão jornalística, na medida em que há um deslocamento de instituições e atores sociais nos papéis de produtores de sentidos. Não se pode suprimir a existência dos meios como pano de fundo de um acontecimento, mas não se atribui mais a esse campo profissional, a exclusividade de engendrar os processos de produção e mediação dos fatos.

Somados a esse conjunto de sentidos atribuídos à noção de mediatização, os estudos de Braga (2006) trazem algumas contribuições. Inicialmente, o autor relaciona o conceito a pelo menos dois níveis sociais: a mediatização segundo as lógicas da mídia, que determinam o desenvolvimento de processos sociais específicos como a política, o entretenimento e a aprendizagem. O outro seria a própria “mediatização da sociedade” (p. 1).



Para o autor, a mediatização não acontece apenas quando se produz ou se recebe informação, mas quando a informação adquirida é amplificada em outros ambientes. Isso acontece quando se assiste a um filme e, após o término, ele é pauta de discussões com outras pessoas. Outra concepção de mediatização apresentada se refere a um ‘processo interacional de referência’, mas trata-se de um processo em construção. Isso não significa que as novas formas de interação social substituirão as formas tradicionais de comunicação, mas pode se tornar referência. Outro fator destacado pelo autor é o desenvolvimento das tecnologias como demanda social, ou seja, elas são criadas a partir das necessidades das pessoas e a partir do uso, outras utilidades são incorporadas a elas. Assim,

Parto da perspectiva de que o processo não é mera da tecnologia, como se o avanço tecnológico é que determinasse essa ou aquela mudança. Creio que o avanço tecnológico é algo socialmente determinado. Não aparece uma tecnologia desenvolvida por um inventor que está fora do mundo, fora da sociedade. São as demandas da sociedade que provocam o avanço. [...] É uma sociedade caracterizada por diversos eventos que precisa de processos interacionais novos, porque os atuais não conseguem dar conta do que está em efervescência. Isso determina a criação tecnológica. [...] a tecnologia, uma vez criada, começa a ser usada para outras coisas. [...] a tecnologia é autopoietica: começa a se gerar a si mesma (BRAGA, 2009, s.p.).

A partir desses estudiosos, é possível compreender a complexidade do tema. Embora se vivencie uma época na qual se observa o uso cada vez mais frequente de aparatos tecnológicos para interação, trata-se de um conceito em construção. Sua abordagem não está restrita às novas tecnologias de comunicação, mas insere-se a influência dos meios tradicionais como a televisão, o cinema e outros no processo de transformação social e cultural. Ou seja, é possível empregar retrospectivamente essa noção para reavaliar e reinterpretar circunstâncias sociais passadas.

Verificações

Para a realização das observações empíricas deste trabalho foram feitas entrevistas em profundidade com três pessoas de diferentes gerações em uma mesma família. Foi utilizada esta técnica por entendermos que ela possibilita informações qualitativas nas respostas que se pretende obter. As entrevistadas são mulheres, negras, de classe média baixa, residentes na cidade de Bauru. As três moram na mesma casa, onde foi realizada a entrevista. A primeira entrevistada, “A”, tem 72 anos, é viúva, mãe da entrevistada “B” e avó da entrevistada “C”. “B” tem 49 anos, é separada e trabalha como funcionária pública. “C” tem 15 anos, é estudante no período da noite e trabalha durante o dia.



A proposta foi analisar os hábitos e a influência dos meios de comunicação no cotidiano de cada uma delas, a partir do perfil de cada uma. A seleção da amostra teve como propósito identificar as transformações na influência provocada pelos meios de comunicação em uma mesma família, que se distingue, principalmente, pelos perfis geracionais.

A mediatização em três gerações distintas

O perfil de cada uma das entrevistadas passou a ser identificado não apenas pelas respostas obtidas, mas pela profundidade com a qual eram concebidas. A entrevistada “A” sentiu-se à vontade para conversar e a ela, foram dirigidas menos perguntas. A cada questão, ela contava parte de sua história, que parecia ser-lhe agradável relembrar, a partir da riqueza de detalhes com que abordava cada fato vivido ao longo de seus setenta e dois anos. Mesmo algumas experiências que não lhe foram tão agradáveis, eram transmitidas com uma espécie de orgulho, que nos levou a compreender os valores construídos e compartilhados com os familiares das gerações seguintes.

Em contraposição, “C”, a segunda entrevistada, de quinze anos, limitou-se a responder de forma direta as questões, que, a partir desta percepção, foram-lhe dirigidas com o intuito de incentivá-la a discorrer, com mais profundidade sobre os temas abordados. Sua entrevista, apesar de conter mais perguntas, foi a mais sucinta, levando apenas aproximadamente quinze minutos. Enquanto conversávamos, o celular permaneceu em suas mãos. A entrevistada “B”, de 49 anos, considerada uma imigrante digital³, apresentou um perfil mais próximo ao de sua mãe ao demonstrar naturalidade ao falar sobre os temas propostos.

Para identificar os costumes de cada uma das entrevistadas, é importante considerar o contexto sociocultural vivenciado por cada uma delas. “A” provém da área rural e seu nível de escolaridade é baixo, restrito ao aprendizado do letramento. Situação comum à época em que a mulher era preparada para o casamento e para as atividades domésticas. Essa noção foi evidenciada quando a entrevistada começou a descrever sobre seu passado, quando foi questionada sobre o sonho da infância: casar e ter filhos. A questão profissional não foi mencionada, como o desejo de ter uma profissão, remetendo-nos à tradição de uma época em que o homem era o responsável por sustentar financeiramente sua família.

³ O imigrante digital, segundo Prensky (2001) é o indivíduo que aprendeu a lidar com o ambiente digital, ao contrário do nativo digital, que cresceu com a presença das tecnologias digitais. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSmMmdDknwjNcTYm7j1a0noxY/edit>>.



Membro de uma família com tradições paternalistas, seguia os costumes que lhe foram transmitidos. Casou-se aos 15 anos e acompanhou o marido pelas diversas cidades em que tiveram que morar, em virtude da profissão de ferroviário. Suas atribuições diárias eram os afazeres domésticos e a educação dos filhos, já que não tinha liberdade para sair durante o dia, hábito proveniente desde sua infância. Em uma época que antecedia a chegada da televisão, a diversão na infância era restrita às brincadeiras com sua mãe na qual a diversão acontecia presencialmente, entre mãe e filha, esporadicamente. A responsabilidade com os deveres foi enfatizada. Sobre um dia típico de lazer, a entrevistada mencionou que não teria atividade de lazer, já que se dedicava às atividades da casa como organização, costura e bordado.

Seus valores são construídos com base na importância da família. Isso foi evidenciado quando mencionou que a melhor fase de sua vida foi quando os filhos eram pequenos e estavam próximos a ela, assim como sua preocupação em mudar para uma cidade maior, que poderia proporcionar mais oportunidades de trabalho para os filhos. A noção de educação e respeito ao próximo, recebida pelos pais e transmitida aos filhos demonstram a importância da tradição familiar. Outro aspecto observado foi a religiosidade repassada de seus pais. A ida à missa e aos eventos religiosos eram formas de lazer.

“A” presenciou a chegada da televisão como um divisor de águas na história. Em sua infância, recordou que a forma de as pessoas se manterem informadas sobre os acontecimentos, era por meio do rádio. Como sua família não o possuía em casa, quando era possível, seu pai comprava um jornal e assim, todos se informavam, mas, muitas vezes, segundo ela, as notícias chegavam distorcidas. Outro meio de comunicação mencionado foi a carta, que permitia receber e transmitir notícias entre familiares de outras cidades. A primeira televisão chegou entre 1962 e 1965, não se lembra com precisão. Era um equipamento muito distinto ao que se vê hoje, mas em sua visão, foi uma revolução.

Questionada sobre como se mantém informada, a televisão é o principal meio, que não se restringe a essa função. O entretenimento através das novelas e programas de auditório transformou sua forma de lazer.

Enquanto “A” passou sua infância e adolescência sem a televisão, o contato pessoal compôs sua história. Ora utilizava jornal, ora ouvia o que repassavam pelo rádio, e, assim, as informações, muitas vezes, distorcidas chegavam à sua família. Atualmente, a entrevistada possui celular e esse, inicialmente, tinha como objetivo fazer e receber ligações. Porém, diante do contato com amigas e familiares que usavam a internet, ela quis aprender a



mexer no computador e, ainda, passou a fazer uso do aplicativo para celular, “whatsapp”. Sua principal forma de se atualizar é por meio da televisão, já a internet do celular e do próprio notebook têm o propósito de entretenimento.

Possui computador e aprendeu a usar a internet, já que observava que a maior parte das pessoas com as quais se relacionava usava o computador. No entanto, seu propósito não era necessariamente se manter informada, mas conectar-se com pessoas e navegar em sites que lhe interessassem. Sobre o celular, atualmente, seu uso não se restringe às ligações como ocorria quando decidiu comprar um aparelho. Com aplicativos de celular, como o *whatsapp*, conecta-se com as pessoas para conversar. No entanto, lamenta a aceleração das transformações que vivencia, em virtude das tecnologias. A comunicação presencial tem sido substituída cada vez mais pela virtualização das relações. Por outro lado, a internet permite outra forma de relacionamento como, por exemplo, com parentes distantes.

A entrevistada “B”, por sua vez, apesar de ter sido educada de acordo com a tradição familiar, estudou e cursou o Magistério, com o propósito de se preparar para tornar-se professora. No entanto, decepcionou-se com a profissão, quando teve que vivenciar conflitos com as diferentes gerações, com perfis tão distintos. A educação rígida recebida dos pais foi percebida, ainda, quando lamentou que, atualmente, não se pode tocar nos alunos, seja para atribuir algum tipo de punição ou, ainda, para chamar-lhes a atenção.

Uma característica que permeia a vida de muitas pessoas, principalmente da classe média baixa, ainda, é o desejo de se obter estabilidade profissional. E, esse objetivo, muitas vezes, é atingido por meio de uma aprovação em concurso público. Assim, mesmo que a função a ser desempenhada não represente suas aptidões ou desejos, a questão da estabilidade se sobrepõe à realização profissional e lhe garante a ascensão profissional.

Moradora do mesmo bairro há mais de trinta anos, “B” e sua filha gostam da tranquilidade do local onde residem, embora sintam curiosidade em conhecer outras localidades para se viver. “B”, como sua mãe, demonstrou a importância da família e os valores transmitidos como o respeito ao próximo, principalmente, aos mais velhos. Quando foi perguntada sobre a melhor fase de sua vida, contou que, mesmo acabando de se separar, essa foi a época em que teve mais proximidade com os filhos e aprendeu a liderar uma casa.

“B” também assiste televisão com frequência. Em momentos de descanso, a televisão é fonte de informação e entretenimento. Ao ser questionada sobre personalidades da televisão, a entrevistada mencionou atores que já fazem novelas há muitos anos e ressaltou a transformação que tem presenciado sobre a presença de atores negros na televisão. Assim,



ficou evidenciado que a entrevistada se sente representada ao ver que negros protagonizam personagens em contraposição aos anos anteriores, quando esses atores ocupavam espaços de atuação como escravos e empregadas domésticas.

Para estar informada e em contato com as pessoas, “B” utiliza a internet, em notebook, mas durante o dia, enquanto trabalha, o celular permanece conectado. Um ponto a ser comentado é que, ainda hoje, as redes sociais são vistas como formas de entretenimento, em especial, para os mais jovens. Muitas organizações ainda bloqueiam ou monitoram seus funcionários no que se refere ao uso da rede durante o trabalho. Ao falar de rede social, a entrevistada justificou que acompanha o que acontece porque fica conectada com a rede social. Foi observada a necessidade de justificar o porquê de acessar a rede social, no caso, o Facebook, durante o trabalho. As redes sociais ainda são consideradas, muitas vezes, como uma forma de “bate-papo”, que se contrapõe às atividades de trabalho.

Embora atualmente as tecnologias digitais incorporem a rotina de “B”, a televisão ainda é uma fonte de credibilidade, que legitima ou não os acontecimentos divulgados pela internet. “B” acredita que teve mais facilidade para aprender a usar as novas tecnologias que sua mãe, mas se sente com menos habilidade para lidar com elas do que sua filha, de 15 anos. A internet é utilizada para ela como fonte de informação, atualização e lazer.

A entrevistada “C”, de forma sucinta, apresentou um perfil distante de sua avó. Aos 15 anos, já nasceu em uma era permeada pelo uso das tecnologias digitais e da virtualização das relações humanas, conforme aponta Sodré (2006). As respostas restringiam-se às questões elaboradas e, apesar de incentivada a aprofundar no tema em questão, muitas respostas eram monossilábicas.

Um aspecto comum às três, foi a importância da educação e os valores familiares. Apesar de integrar um perfil que se adapta mais facilmente às transformações provocadas pelas novas tecnologias, “C” sente orgulho da família e, revela como a fase mais importante de sua vida, quando passou a estar mais próxima de seu irmão mais velho, que lhe auxilia na tomada de decisões atualmente.

O papel das redes sociais como meio de comunicação em atividades profissionais ainda é restrito. Muitas pessoas, por fazerem uso das redes como entretenimento, desconhecem sua importância na agilidade como fonte de informação. Isso foi percebido, principalmente, pela terceira entrevistada. Ao contar sobre o seu uso frequente da internet, ela sorri ao explicar o excesso da internet em sua rotina, como se fosse uma situação que devesse ser justificada. Ela entende que o traço comum entre as pessoas de sua geração é o uso da



internet, ou seja, as pessoas de sua faixa etária usam celular e se comunicam por meio de aplicativos durante o tempo todo. Questionada sobre como se informa dos acontecimentos, ela disse que as pessoas comentam as notícias, mas para averiguar a veracidade, acessa a internet, que, demonstra ser uma fonte confiável, além de rápida.

“B” e “C” demonstraram diversos elementos em comum como a vida que segue uma rotina, o espaço livre, geralmente usado para o descanso em frente à televisão, mas a diferença, relatada pela mãe, foi no que se refere à agilidade no aprendizado das novas tecnologias, característica das gerações mais novas. “C” já nasceu em um contexto permeado pela existência e disseminação das novas tecnologias, enquanto sua mãe e, principalmente, sua avó procuram se adequar às demandas das novas tecnologias.

Um fator que chamou a atenção é que, apesar de terem em casa a TV por assinatura, nenhuma das entrevistadas assiste os canais pagos. “A” costuma assistir novelas, às vezes jornal e programas de auditório. “B” assiste às novelas e gosta de programas de auditório e sua filha, “C” também restringe seu tempo à televisão à programação da televisão aberta, como novelas, filmes e alguns seriados. Isso demonstra a facilidade de acesso atualmente à televisão por assinatura, especialmente, por pacotes que incluem a internet, televisão paga e o telefone fixo, que já não é considerado tão importante quanto em outras épocas.

Discussão

À mediatização, são atribuídas concepções distintas, no entanto, direta ou indiretamente, podemos relacioná-la essencialmente a dois sentidos: transformação e interação. Não se trata, como mencionado anteriormente, ao estudo específico de aparatos tecnológicos, que tem sido incorporado à realidade contemporânea. A importância do estudo do fenômeno da mediatização respalda-se nas transformações sociais e culturais, resultantes das novas formas de interação social.

O surgimento de um meio de comunicação implica transformação. Com a chegada da televisão, a comunicação mediada foi expandida e novos padrões sociais foram construídos. As novas tecnologias, por sua vez, reiteram essa transformação, no entanto, refletem um contexto marcado pela velocidade crescente dessas mudanças. Isso tornou-se evidente, neste trabalho, ao analisarmos três gerações distintas de uma mesma família e seus hábitos de consumo midiáticos.



A velocidade pela qual se processavam as transformações sociais e culturais em meados do século XX era mínima se contrastada com os dias atuais. O rádio, por muito tempo, foi o meio de transmissão de informações, a televisão, por sua vez, não constituiu apenas uma fonte de informações, mas uma nova forma de lazer, como ainda se mantém na contemporaneidade. Todas as entrevistadas associaram o uso da televisão a momentos de lazer. Embora a entrevistada “C” assista aos jornais televisivos, sua principal fonte de informação é a internet e a televisão é ligada em momentos de descanso.

Sob a ótica da mediatização, outras práticas foram introduzidas no contexto social, as quais, em outras épocas, seriam inconcebíveis. A conversa face a face cedeu espaço para a comunicação virtual. Por meio da tecnologia, pessoas passam mais tempo conectadas e essa forma de interação tornou-se cada vez mais usual. Vale retomar a concepção de Braga (2006), no que se refere à mediatização como processo interacional de referência, o que não implica a supressão de outras práticas do cotidiano. A entrevistada “A” sentiu a necessidade de aprender a usar as novas tecnologias para se comunicar. Isso não significa que esse seja seu único modo de interatividade, mas, como ressaltou, com essa prática, ela se comunica com pessoas com as quais não se comunicaria se tivesse apenas os meios de comunicação tradicionais como o telefone fixo e a carta ou a interação pessoal.

Em contraposição, a entrevistada “C” nasceu em um contexto permeado pelas novas tecnologias. Enquanto gerações anteriores como sua avó e sua mãe dispenderam mais esforços para aprender a lidar com as práticas virtuais, para ela, o uso do celular está incorporado à sua realidade. A interação virtual, as novas práticas online se naturalizam no dia a dia dessas novas gerações.

Apesar de diferentes gerações, a internet ocupa um espaço importante na vida das pessoas, ou seja, promove a sensação de pertencimento ao novo contexto social. Para “A”, enquanto ela não sabia como usar a internet, sentia-se excluída, mesmo que seu uso, atualmente, se restrinja à comunicação com seu grupo de contatos. A distinção ocorre, neste caso, no uso que se faz com as tecnologias. Pessoas como “A” que viveram em um contexto que antecede à chegada da televisão, percebem que as transformações ocorrem cada vez mais rapidamente e entendem como necessário conhecer o universo das tecnologias para estarem inseridas nessa nova realidade. Enquanto “A” e “B” procuram adequar-se às novas tecnologias, “C” as percebe como parte integrante de sua realidade.



Considerações finais

Este estudo, realizado com três perfis geracionais distintos de uma mesma família, nos levou a algumas reflexões. Inicialmente, a facilidade de incorporação dos novos meios, na era da mediatização, reverbera a adaptabilidade das pessoas a novos hábitos. Além disso, seus efeitos repercutem mudanças sociais e culturais, as quais resultam das demandas sociais latentes.

Não se trata mais de analisar os meios de comunicação como elementos externos à sociedade, haja vista as transformações e inovações presenciadas em ações do cotidiano, provenientes da era da mediatização. Desde a chegada da televisão, não se pode negar sua influência na transformação de hábitos das pessoas; inúmeros estudos buscaram analisar seus efeitos à luz de inúmeras teorias de comunicação. No entanto, estudar mediatização requer um olhar amplo acerca dos acontecimentos que resultam em novas práticas, muitas das quais inexistiam.

São novas formas de relações sociais e usos das tecnologias segundo as fases da vida. Um fator a ser considerado, neste estudo, é a contribuição das novas tecnologias para a independência feminina, assim como mudanças introduzidas no próprio estilo de vida. O apelo das inovações tecnológicas introduzem novas formas de comunicação, suprimindo o antigo modelo de um emissor para diversos receptores, que, cada vez mais, têm assumido o papel de sujeito ativo no processo comunicativo.

Muitos estudos foram e continuam sendo realizados sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa na sociedade. Como mencionam os pesquisadores, o contexto da mediatização ainda é recente, até mesmo a proposta de um conceito apresenta visões específicas de cada estudioso. Por isso, faz-se necessária a ampliação de pesquisas na área para se discutir os efeitos, a influência e os novos modelos sociais e culturais que vem sendo construídos a partir dessas transformações tecnológicas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & Mídia Cidadã**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

_____. Mediatização: a complexidade de um novo processo social. 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2477&secao=289>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006. Bauru. **Anais...** Bauru: Compós, 2006.



FAUSTO NETO, A.. A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim. 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 297-322.

FLORES, A. C.; BARICHELO, E. M. Midiatização da sociedade: sócio-técnica e ambiência, João Pessoa, v.2, n.2, jul-dez, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/2f1351ff7220101009062343.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

GOMES, P. G. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Orgs.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 15-30.

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v.5, n.2, p. 53-91, jan./jun., 2012.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, jan./jun., 2014.

PERUZZOLO, A. C. **A comunicação como encontro**. Bauru: Edusc, 2006.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-32.